Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

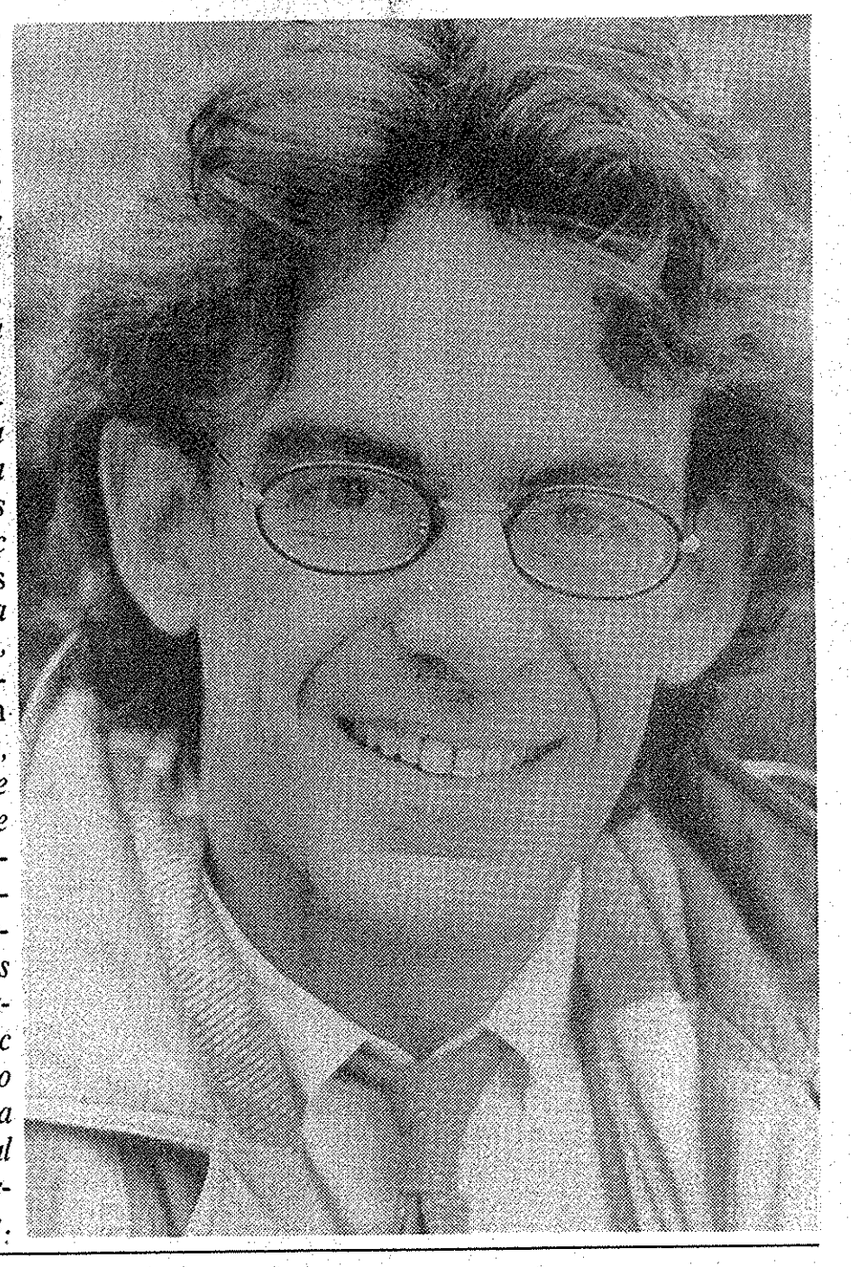
Fonte: Jornal do Brasil **Class.:** 89

Data: 05/03/94 **Pg.:** Idéias e Livros

ENTREVISTA/LUC FERRY

"Os ecologistas radicais são anti-humanistas"

Para quem gosta de polêmica a notícia não poderia ser melhor. Em 1994 serão publicados no Brasil três livros do filósofo francês Luc Ferry, de quem os brasileiros já conheciam O pensamento de 68. *Lançados pela editora Ensaio, os livros prometem fazer justiça à fama de polemista do autor. De Foucault a Derrida, de Deleuze a Nietzsche, não há uma estrela da filosofia que não seja sacudida do seu pedestal pelos argumentos agressivos de Luc Ferry.* Porque não somos nietzscheanos, *uma coletânea que assina com outros autores, sai este mês;* Homo aestheticus *em maio, e* A nova ordem ecológica, *em julho. Neste último, que mereceu o prêmio Medicis de melhor ensaio de 1992, o alvo de suas críticas são os ecologistas radicais, acusados de anti-humanistas. Em Paris,* **Idéias** *ouviu o doutor em filosofia e ciências políticas, professor da Universidade de Caen. Aos 43 anos, Luc Ferry é também secretário do Collège de Philosophie da França e presidente do Conselho Nacional de Programas (CNP), no Ministério da Educação francês.*



ANY BOURRIER

— Em *A nova ordem ecológica* o senhor critica o pensamento ecológico radical. Este discurso é tão insano assim?

— Mantenho que o discurso ecologista radical é uma declaração de guerra contra o humanismo, herdado da Revolução Francesa e da declaração dos direitos humanos. O homem situa-se no centro da natureza e é o ser humano que deve ser protegido. Os radicais querem que seja protegida primeiro a Terra, matriz da vida, e depois as espécies e, por fim, o ser humano. No melhor dos casos, como afirma Michel Serres em *O contrato natural*, deseja-se que o homem e a natureza estejam em pé de igualdade. Pensando assim, conclui-se que as formigas têm o mesmo valor que os seres humanos. Este tipo de raciocínio me alucina. Ninguém, a não ser um louco, pode sustentar a tese de que o extermínio dos indivíduos tem o mesmo peso que matar galinhas. Defendo a tese de que a natureza e o ser humano não podem ser tratados de maneira igual. Porque os humanos são os únicos seres morais que existem no mundo, são os únicos capazes de julgar e de respeitar alguém ou alguma coisa que não seja eles próprios. É o homem que protege as baleias e não o contrário.

— Qual é o futuro do movimento ecológico?

— Atualmente, a ecologia ocupa um espaço público e social no qual interferem muitos atores, com interesses diferentes ou opostos. Primeiro, temos os industriais, que representam o papel do malvado, dos que poluem. Depois temos os poderes públicos, que defendem seus interesses políticos. Há também os ecologistas sinceros, mas que só são capazes de fazer demonstrações catastróficas. Por fim, há o interesse dos meios de comunicação de massa no sensacional, no que dá audiência. Mas onde está a verdade ecológica em tudo isto? Penso que o verdadeiro problema da ecologia é o de criar um fórum de debates para escapar desta lógica político-mediática, que mistura um pouco de verdade com muita estratégia. Dele participariam também os cientistas, que até agora não foram as vozes mais fortes do debate ecológico. Há cientistas que afirmam que a responsabilidade humana no caso do efeito estufa é nula porque não temos provas dela. No entanto, não há ecologista que não escreva tratado cujo prefácio é sempre dedicado ao efeito estufa, uma catástrofe sobre a qual ninguém tem elementos probatórios suficientes.

— O senhor publicou também um livro sobre o pensamento de 68. Que restou da explosão libertária daqueles anos?

— Os pensadores de 68, tanto os marxistas quanto os neomarxistas, como Althusser ou Bourdieu, os discípulos de Heidegger, como Deleuze, Foucault ou Derrida, tinham um pensamento destruidor, uma atitude crítica em relação aos ideais do humanismo republicano ou em relação às sociedades liberais, consideradas como o foco de todas as repressões. Estes pensadores tinham as mesmas motivações, uma paixão destruidora imensa. Relembro a célebre frase "é melhor errar com Sartre que ter razão com Raymond Aron." (Aron é considerado como um filósofo de direita). No final da Segunda Guerra, o humanismo europeu, que fundou a democracia, foi acusado de ter provocado duas catástrofes: o nazismo e o colonialismo. O intelectual, neste contexto, sentiu-se obrigado a ser crítico. Hoje, resta de 68 o culto do direito à diferença, sobretudo nas universidades americanas com o movimento do *politicamente correto* influenciado por Derrida e Foucault. Considero esta ideologia muito perigosa porque ela desenvolve o culto do gueto e liquida com os esforços dos intelectuais do terceiro mundo, que ainda lutam pela democracia. Esta é, na minha opinião, a única forma de sobrevivência de 68. Quanto ao resto, foi parar no museu das ideologias.

— Por que intitulou um de seus ensaios, dedicado a Nietzsche de *Porque não somos nietzscheanos*. Qual a importância de Nietzsche para o pensamento moderno?

— No livro afirmo que Nietzsche é o pensador mais importante da modernidade. Quanto ao título, aproveitei um aforismo do filósofo alemão. Na realidade, minha crítica a Nietzsche é positiva. Quis mostrar que é o filósofo mais importante da modernidade, embora seu pensamento nem sempre deixe o leitor feliz. Há em Nietzsche uma crítica radical da democracia e também um forte pensamento racista. Em determinado ensaio escreve, por exemplo, "que os pretos fedem". Por isto contesto sua postura filosófica. De que modo se poderá dar uma interpretação filosófica à frase "os pretos fedem?". Nietzsche é um filósofo do *establishment*, aristocrático. O paradoxo é que tenha sido considerado um pensador de esquerda pelos rebeldes de maio de 68. É absurdo. Foi antidemocrático, antiparlamentarista, misógino, antimoderno, anti-semita. Imagine como poderia representar o papel de irmão mais velho de Daniel Cohn-Bendit? Considero, porém, que seu pensamento é grandioso.

Considerado de esquerda nos idos de 68, Nietzsche foi misógino, anti-semita e antidemocrático

— Como explica a influência de Nietzsche nos anos 70? E que nenhum pensador francês tenha ocupado seu lugar?

— Na Europa, a partir dos anos 30, passou-se a fazer duas críticas do parlamentarismo liberal. A primeira foi a crítica marxista, em nome da razão, de um projeto de emancipação futura. A segunda crítica era mais romântica e baseava-se na nostalgia de um paraíso perdido. Nos anos 60/70, aqui na França, estas duas críticas reuniram-se através das teorias de Foucault e de Marcuse, ambos discípulos de Heidegger. Era uma crítica em nome de um futuro feliz e da felicidade perdida. Havia, na época, uma espécie de ódio ao mundo moderno, ao humanismo, aos direitos humanos.

— E qual é o papel da filosofia, hoje?

— Vejamos qual é a situação, hoje. O marxismo desmoronou, seguiu-se uma reconciliação das forças políticas com a social-democracia. A esquerda revolucionária abandonou suas bandeiras, não se fala mais de ruptura com o capitalismo e os direitos humanos estão na moda novamente. As teses da esquerda foram enterradas, temos a impressão de que os intelectuais baixaram os braços. Hoje, em vez de criticar em nome de um futuro feliz ou de um paraíso perdido, o que se impõe é uma crítica que eu chamaria de "interna ao sistema liberal". O mundo democrático em que vivemos na Europa Ocidental nos promete igualdade mas esta não existe. Educação e cultura para todos, o que não se verifica na prática. Não há sequer participação política legítima. Julgo que a crítica interna é necessária porque ela é subversiva.

— Qual é a postura do filósofo diante da mídia?

— Considero que a crítica da mídia é um novo gênero literário extremamente falacioso. É um discurso que está na moda entre os intelectuais franceses porque, segundo eles, a televisão faz abstração do peso histórico e político que estão por trás dos acontecimentos. É, portanto, uma mídia rápida e superficial. Afirmam que a imagem tenta substituir a história e que, através da emoção, ocupa o lugar da reflexão. Estas críticas, aparentemente justas, são de uma banalidade enorme. Trata-se de um discurso falso, que contesto. Veja dois exemplos, a Bósnia e a Somália. Na realidade, a mídia não nos tornou cidadãos ignorantes porque, se fizermos um inquérito, verificaremos que 80% das pessoas não sabiam indicar no mapa onde estão estes países antes da televisão se interessar por eles. E claro que o trabalho da imprensa não é o de substituir as bibliotecas nem o da TV de impedir a reflexão. A televisão não poderá substituir jamais a leitura de um livro. Mas graças a ela, recebemos informação suficente para que surja o impulso da leitura.

— Pensadores e filósofos estão preocupados com a volta do fascismo. Esta é uma preocupação sua também?

— Dizem muita bobagem no tocante ao fascismo. Não acredito que se possa falar de um retorno. Trata-se de um problema de representatividade. Explico-me: na maior parte dos países da Europa Ocidental, os jovens não se identificam mais com a classe política. Julgam que esta é incapaz de defender os interesses deles, que é uma máfia com a ambição única de controlar o poder, porque são sempre os mesmos que aparecem e que se candidatam. O resultado deste descrédito é o surgimento de grupos com os quais os jovens se identificam: os *hooligans*, os *skinheads*, os *punks*. Através da atenção que estes grupos chamam é possível *existir* socialmente, é possível tornar-se uma personalidade pública. Para isto, eles precisam romper o tabu maior que é, na Alemanha, por exemplo, o racismo e o anti-semitismo.

Any Bourrier é correspondente do **JB** *em Paris*